2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS — AGRICULTURA — INDUSTRIA — LITTERATURA — BELLAS-ARTES — NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 23. QUINTA FEIRA, 12 DE ABRIL DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Breves reflexões sobre alguns pontos de Economia Agricola.

(Continuado do n.º 20.)

362 A EXISTENCIA dos baldios municipaes, dos pastos communs, é um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura entre nós. Favorecendo a natural indolencia do homem do campo, facilitando-lhe recursos que, até certo ponto, supprem os defeitos de um methodo errado e incompleto de afolhamentos, de uma cultura sem proporção nem equilibrio, elles oppõem uma barreira, as mais das vezes invencivel, á introducção de um systema sensato e proficuo. Ignorando os melhoramentos que as rotações judiciosas trazem ao solo, as vantagens da estabulação, os methodos de multiplicar em quantidade e em energia os adubos animaes, desconhecendo a applicação dos correctivos mineraes, o agricultor baseia nos maninhos, não só uma substituição á cultura das forragens, mas tambem um meio de adubar as suas terras, embora os estrumes vegetaes que d'elles tira, pessimamente preparados, dêem á terra uma alimentação miseravel. É-lhe necessario que as urzes povoem as serras nuas de arvoredo, tanto para ahi pascerem os gados durante uma parte do anno, como para supprirem a carencia d'estrumes, resultado d'essa alimentação erradia do gado, em que o cultivador, podemos dizer, lança fóra o mais rico thesouro de principios restauradores, o producto mais importante da creação dos animaes.

Se as grandes verdades na sciencia são, em regra, ferteis de consequencias proveitosas, os grandes erros não são menos ferteis de consequencias fataes. Como as urzes expulsam as arvores dos terrenos incultos, é justamente nas visinhanças de extensos maninhos onde muitas vezes mais se experimenta a falta de lenhas, e que por consequencia os povos mais rapidamente destroem as cepas d'esses mesmos mattos que os supprem de pastagens e d'estrumes. Sendo esse o unico meio de obter combustivel, e não correspondendo o desenvolvimento das raizes lenhosas á rapidez e extensão do consumo, o resultado final é facil de prever. Ha de chegar um dia em que a imprevidencia tenha dado inteiro o seu fructo. Esses cabeços e gandras, rareados pela mão do matteiro, espoliados emfim dos ultimos fragmentos da sua triste corôa de piornos e tojos, achar-se-hão convertidos em arneiros escalvados, onde a falta absoluta de humus torne impossivel a vida da herva mais rasteirinha. É um facto que, por muitas partes, se tem já verificado, e que successivamente se vae verificando por outras. Então os effeitos dos erros agronomicos, a que a gente do campo tem um affecto tão cego, pezarão terrivelmente sobre ella, vindo depois o remedio só pelo excesso do mal.

Admittindo por um pouco as suppostas vantagens dos baldios, e no interesse d'esses mesmos pastos communs, a necessidade de dedicar uma porção d'elles á silvicultura torna-se evidente. Em Cintra, por exemplo, cujos antigos bosques desappareceram ha muito, e onde a cepa já começa a escacear, como é facil de conhecer á simples inspecção do terreno correndo os recessos da serra, os habitantes d'aquelles contornos deviam, por muitas rasões, mas sobre tudo por causa do combustivel, forcejar para que os cimos escalvados das cordilheiras se povoassem de pinhaes ou de soutos e devesas de outras arvores, que esses magros terrenos consentissem. Independentemente das influencias, que a nudez ou o selvoso d'aquelles escarpados rochedos possa ter na cultura dos campos visinhos; ainda sem attender a que Cintra perde de dia para dia, pela devastação dos grandes vegetaes, os encantos que ahi attrahem os felizes do mundo, e que por longos annos teem sido para os povos dos arredores um manancial de prosperidade; ao menos a consideração de que a falta de um dos objectos mais necessarios á vida, igualmente indispensavel para o rico e para o pobre, vae em sensivel progresso, devia conduzi-los a reconhecer que a arborisação da serra é reclamada talvez já pelo interesse da geração actual, e sem duvida pelo das gerações que hão de vir.

E todavia, um successo recente — um successo que fez certo ruido — prova que ou todas estas idéas se desconhecem, ou se pospõem a considerações de um egoismo, que nem sequer tem o merito de ser habil, ou que finalmente o nosso paiz está condemnado a ver sujeitar ao arrebatamento das paixões politicas as questões mais estranhas a ellas, as conve-

niencias economicas, os meios de progresso material, as indicações da experiencia, trazendo-se para um campo neutro, e que para todos devêra ser sagrado, as luctas deploraveis dos nossos bandos civis. O facto a que alludimos foi lançado nos debates da imprensa, e por isso é hoje do nosso dominio.

S. M. ElRei pretendeu aforar uma porção das cumiadas da montanha de Cintra contiguas ao parque da Pena. Aquella porção de terreno ingrato e calvo era destinado á sementeira ou plantio de um bosque que cobrisse de verdura e de vida uma pequena parte d'essa ossada de rochedos, que se vão prolongando até a beira do oceano.

Muitos moradores das aldeias circumvisinhas viram, porém, n'este empenho uma calamidade. O maninho era ameaçado nos seus direitos inauferiveis, o dorso dos penhascos offendido na sua pudibunda nudez. Realmente o caso era grave. Agitou-se tudo, protestou-se, requereu-se. A urze e o piorno acharam logo advogados contra o pinheiro orgulhoso, contra o luxo da vegetação. Isto é absurdo e incrivel. Embora. A celebre phrase «*creio porque é impossivel*» não tem só applicação aos mysterios do céu: tem-n'a ás miserias da terra.

Se os principios mais solidos da economia agricola não são uma solemne mentira, a pretenção d'ElRei era legitima; as suas intenções liberaes. Não se tractava de constranger os povos a abandonarem subitamente o deploravel systema dos pastos communs: tractava-se de dar um exemplo de previdencia e de progresso: tractava-se de applicar ao solo um capital, que só depois de quinze ou vinte annos poderia produzir um diminuto redito: de certo não havia aqui, pelo menos, uma inspiração de cubiça. Nenhum homem desapaixonado, e que ame sinceramente o desenvolvimento da industria agricola, pondo a mão na consciencia, deixará de qualificar a pretenção de justa, e a intenção de progressiva.

E nós limitamo-nos a estas qualificações, porque o lyrismo em materias economicas é um pouco semsabor; porque nos fazem nausea os extasis e as metaphoras de velho estylo, com que se costumam sempre avaliar os actos dos principes. Ainda não decorámos as phrases fundidas com que é d'uso exaltar esses actos, sejam máus, indifferentes ou bons, e que só servem de desvirtuar os ultimos. Somos pessimos cortezãos, e, demais, incorrigiveis. Mas tambem não sabemos lisonjear o povo; porque a lisonja perde-o, como perde os principes: temos por isso bastante consciencia de nós mesmos, para reclamar a favor d'ElRei, que não tem o habito das discussões publicas, que não póde vir a essa arena, a justiça que lhe compete, e a que tem tanto direito como o cidadão mais obscuro. Não acreditamos que um homem, por que se chama rei, esteja banido do direito commum; que, pária de nova especie, deva soffrer em silencio que lhe calumniem uma intenção pura, que o condemnem por actos que n'outro qualquer seriam louvados. Quando a imprensa se perturba e cega até o ponto de assim o praticar, entristecemo-nos por ella; porque estamos convencidos da santidade da sua missão, e temos os olhos fitos, não nas paixões pequenas do presente, mas sim nas esperanças do futuro.

Consideramos aquelle aforamento em si, no seu resultado, nas idéas que o aconselharam. Não sabemos se, no modo de o realisar, se faltou a alguma das solemnidades legaes. Não valia a pena. Que valesse, os agentes de S. M. deviam ser dobradamente zelosos em guarda-las. Fizeram mal se as preteriram. Do que porém já foi confessado em um jornal se deduz que não aconteceu assim.

O requerimento a favor da santidade do deserto, da integridade do maninho, appareceu estampado. É um monumento: não podia ser outra cousa. Pinta o paiz.

Se os nossos governos de todas as epochas e de todas as opiniões tivessem gastado a centesima parte do dinheiro, que tantas vezes malbaratam, em ensinar a ler os habitantes do campo, em inculcar-lhes as verdades praticas com que a sciencia tem vivificado outros povos, não appareceria, no anno do Senhor de 1849, um tal requerimento.

Como epigraphe a elle faça-se uma advertencia. O maninho total de Cintra abrange dez milhões de braças quadradas: os pedregaes aforados teem quatrocentas e sessenta de comprido sobre cento e cincoenta de largo. A mutilação é horrivel. Os requerentes declaram que esta área abrange uma grande parte da serra.

Quando Sancho Pança, o aldeão manchego, se persuadiu de que subíra ás solidões do espaço, e mirára das alturas o nosso planeta, disse que lhe parecêra a terra do tamanho de uma avellan, e os homens mais pequenos que carneiros. O bom Sancho era um typo!

Pondera-se a escaceza de lenhas nos arredores da serra. Qual é o remedio? É impedir que n'um angulo d'ella sejam semeados pinhaes, ou se façam plantios de outras arvores. O alvitre é infallivel, e sobretudo logico.

Na historia, na litteratura, nos documentos achareis testemunhos frequentes e irrecusaveis de um facto. Cintra foi por seculos a montanha das selvas. Onde estão estas? Cahiram sob o machado da imprevidencia. Os estevaes seguiram-nas. Agora revolve-se o chão para arrancar algumas raizes. Que arrancarão as gerações futuras? Pedras? Christo converteu-as em pão: mas os moradores d'aquelles contornos não teem absoluta certeza de que seus filhos e netos serão capazes de maravilhas analogas; de as converter em combustivel.

E que teem elles com seus filhos e netos? Elles que pertencem a uma epocha profundamente caracterisada pelo egoismo?

No requerimento figuram os operarios indo ao domingo buscar lenha á serra, por não poderem dispensar um dia de semana para esse mister, o que prova evidentemente não ser licito aforar cincoenta e tantas mil braças quadradas de terreno n'um baldio de dez milhões d'ellas.

Depois os mesmos trabalhadores apparecem de mãos cruzadas por falta de trabalho, mandando os filhos arrancar matto para viverem, prova d'igual força, e de uma concordancia admiravel como a antecedente. Estes jornaleiros, occupados e desoccupados, são pobres e miseraveis que possuem ovelhas, vaccas, eguas, etc., situação na verdade só compa-

ravel á dos operarios de Bethnal-Green, symbolo e resumo da miseria industrial ingleza. Por fim invocam-se as leis; leis modificadas pela jurisprudencia administrativa moderna; leis promulgadas em epochas, nas quaes ou eram desconhecidos os verdadeiros principios de economia agricola, ou estes eram ignorados pelos legisladores; leis que, se o uso não houvesse obliterado uma grande parte das suas disposições, iriam lançar nas garras do fisco muitos d'esses tractos de cultura chamados vulgarmente *tomadas*, que se encontram hoje onde só existiam, ha um ou meio seculo, extensos maninhos, e em cujo aforamento os homens laboriosos que os desbravaram se viram sempre combatidos pelo ciume do vulgo, que não póde tolerar irem-lhe encurtando os dominios da indolencia, romperem-lhe um só lanço da barreira mais forte, que se oppõe ao verdadeiro progresso agricola.

Isto não se discute. Pelo menos a nós fallece-nos o animo para tanto. Como demonstrar que dois e dois são quatro a quem quer que sejam cinco?

Deploramos o abandono em que se deixa a intelligencia do povo: deploramos que a classe media, que tem a força porque está organisada; que tem a força porque possue a riqueza; que tem a força porque é illustrada, não vote uma parte dos seus recursos a allumiar os rudes, os homens de trabalho, que são seus irmãos, e que teem direito não só ao pão do corpo mas ao do espirito, ou antes, que sem este não chegarão nunca a minorar as difficuldades com que luctam para obter aquelle, nem a rodear-se dos confortos que são compativeis com a sua condição. Deploramos, sobretudo, o talento naturalmente nobre quando sacrifica ás conveniencias transitorias verdades que, em outra situação, proclamaria sem hesitar; deploramo-lo n'esses momentos aziagos, em que se esquece de elevar-se acima das antipathias ou sympathias pessoaes. Quando se tem um passado de independencia e de probidade politica, é generoso não vacillar ante a viciosa vergonha de fazer justiça aos que se crêem poderosos, embora essa justiça haja de remontar até um rei.

A questão dos maninhos de Cintra é a questão perpetua dos pastos communs, que tem agitado todos os paizes, e que em toda a parte está resolvida em theoria e em pratica, menos na Peninsula. Submettida essa questão ás discussões da imprensa, mal haveria intelligencia que não vergasse na tentativa de defender o baldio; o baldio no que elle tem de mais nocivo e absurdo. Confundiram-se idéas que importa distinguir; estabeleceram-se proposições que julgamos contrarias ao melhoramento da agricultura, inconvenientes ao bem estar futuro do homem de trabalho, aos seus interesses reaes. Persuadidos de que as nossas opiniões na questão geral, que ess'outra particular veio suscitar, podem ser uteis, acrescentaremos n'um subsequente artigo algumas reflexões sobre a distribuição e applicação dos maninhos.

A. Herculano.

Conservação das substancias animaes e vegetaes.

363 Submettem-se, por espaço de cinco minutos, as substancias, que se quizerem conservar, a uma corrente de gaz sulphuroso, depois a uma fumigação resinosa, depois cercam-se estas substancias com gêlo. Por este processo se teem conservado em longas viagens fructas, carne e aves. — Supprimindo-se o gaz sulphuroso, consegue-se conservar por muito tempo toda a qualidade de flôr

É empregando este processo que das Indias teem vindo amostras de flores para os principaes gabinetes de Inglaterra e França.

* *

Resumo das observações meteorologicas feitas em Lisboa no mez de Março de 1849, na altura de 39 braças sobre o nivel do Tejo.

364 *Temperaturas.* — Maior calor a 14 e 15 do mez, 72°. — Maior frio a 12, 38°. — Temperatura media das madrugadas 45°,8. — Dita ás 2 horas da tarde, 63°,6. — Dita media do mez, 54°,2. — Variação media diurna, 17°, 8. — Maior dita a 8, 14 e 17, 24°.

Pressão atmospherica, reduzidas as alturas do barometro á temperatura de 63°. — Maxima altura no 1.° do mez 768,7 millimetros. — Minima a 29 — 737,2. — Altura media 757,9. — Variação dos extremos 31,5 millimetros. — A descida do barometro, que começou na tarde do dia 7, e continuou no seguinte, prognosticou a tempestade no Norte que soprou a 9 e 10, a qual, pela sua violencia e extraordinaria seccura, causou grande prejuizo aos vegetaes, já extenuados pela falta de chuvas tão prolongada, resfriando subitamente a atmosphera 10 a 12°. — Egualmente na tarde do dia 20 começou a baixar notavelmente o barometro, continuando nos dias seguintes o mesmo movimento, apesar do predominio dos ventos do 1.° quadrante (Norte a Leste), e de se manter o céu claro e o ar secco; resfriando novamente a temperatura do dia, de 10 a 12°, seguindo-se a 27 as beneficas chuvas, que continuaram até ao fim do mez.

Ventos dominantes, contados em meios dias, e suas forças — N, 15 (1,0) — NO, 8 (0,9) — O, 7 (1,0) — SO, 6 (0,7) — S, 1 (0,2) — NE, 14 (0,6) — E, 3 (0,2) — SE, 1 (1,6). — Variaveis ou bonanças 7. — Direcção media do vento dominante N 8° O (0,8). — Madrugadas bonançosas 14. — Meios dias ventosos 16. — Tempestade do N a 9 e 10. — Dita de SE a O a 28 e 29.

Estado da atmosphera. — Meios dias claros 26. — Claro e nuvens 14. — Cobertos 4. — Cobertos e clarões 4. — Dias em que choveu 7, a saber, em 18, 20, 22, 28, 29, 30, 31, que produziram 61 millimetros, ou 1,27 da chuva normal, o que equival a mais uma quarta parte. — Nevoeiros 2. — Trovoada a 29. — Dias de frio notavel 9.

Decorreu o mez totalmente secco até 17; frio e chuvoso a segunda quinzena, sendo mais ventoso que o antecedente.

Aspecto dos campos e outros phenomenos. — A secca

pertinaz que predominou desde 5 de Janeiro até 17 d'este mez, ou quasi dois mezes e meio, tinha deseccado todas as plantas, principalmente as leguminosas e cereaes, quando felizmente appareceram as apetecidas chuvas, as quaes repentinamente fizeram resurgir, como por encanto, as amortecidas cearas, continuando a sua benefica influencia a regenerar a vida vegetal que se manifesta por toda a parte, e que mais alguns dias de continuação do flagello teria feito perecer totalmente; frustrando-se assim as esperanças de alguns especuladores egoistas, que já contavam com a total fallencia da futura colheita. O preço do pão subiu em Lisboa mais 5 rs. por arratel, o que para os moradores da cidade augmenta a sua despeza diaria, n'este indispensavel alimento, para mais de *um conto de rs.*; porém, desvanecidos aquelles receios, o pão baixou ao antigo preço. — Os arvoredos offerecem a melhor apparencia, promettendo abundantes fructos, e parece não se terem resentido da insolita seccura, acontecendo o mesmo ás vinhas, que tambem annunciam copiosa fructificação.

Cumpre notar-se que não tendo fornecido os quatro mezes do corrente inverno mais de 175 millimetros de chuva, ou pouco mais de metade da agua normal, necessariamente deverão resentir-se no proximo estio todos os mananciaes de aguas nativas, as quaes deverão escassear, não sendo provavel que os dois mezes da primavera possam compensar tão avultado deficit.

Os frios intensos, que appareceram a 10, 11 e 12 d'este mez, fizeram gelar a agua em alguns sitios da cêrca da Pena, na Serra de Cintra; e em Loulé, no Algarve, cahiram fortes geadas n'aquellas tres noites, que causaram notaveis prejuizos aos gomos das figueiras, apparecendo ao mesmo tempo cobertas de neve as duas summidades da serra de Monchique, Foya e Picota, o que raramente acontece, e muito menos quasi ao terminar do inverno.

Necrologia dos 6 districtos de Lisboa. — Foram sepultados nos tres cemiterios da cidade, do sexo masculino 225 cadaveres maiores, e 166 menores; total 391. — Do sexo feminino 192 maiores, e 136 menores; total 328. — Total geral 719, em cujo numero se comprehendem 359 que falleceram nos hospitaes e outros estabelecimentos publicos, do que se conclue que o presente mez foi assaz funesto á conservação da vida, excedendo a mortalidade normal, deduzida das antecedentes observações, em 160 individuos, principalmente menores, ou mais de um quarto da mortalidade regular. Em nossos registos só encontramos um caso similhante, acontecido em Março de 1844, no qual a mortalidade egualou a do presente, e que, na falta de noticias positivas, que designam as qualidades das enfermidades dos finados, deveremos attribuir, em grande parte, ás fataes consequencias das escarlatinas, bexigas e apoplexias, que teem predominado em consequencia da irregularidade e fortes saltos de temperatura, que já indicámos.

M. M. Franzini.

Oleo para diminuir a fricção nas carruagens, carros e machinas.

365 Em algumas das principaes fabricas de machinas de Inglaterra se aconselha o seguinte mixto, para evitar a fricção nas diversas peças de uma machina, nos eixos das carruagens, carros etc.

O mixto compõe-se de quatro partes de banha de porco fina, e uma de plombagina, vulgarmente denominada mina de chumbo.

Este mixto adhere muito ás peças a que se applicam, e evita por isso que se empregue maior numero de vezes.

Conservação dos espelhos.

366 É de todos sabido que nos logares humidos, e em geral na maior parte das salas os espelhos se deterioram e estragam, em consequencia de certas manchas que apparecem no estanho.

Para remediar este inconveniente, que se torna gravissimo quando as habitações são humidas, um chimico allemão, M. Fletcher, propõe dobrar-se a dose de um mixto de estanho, mercurio e prata, de a fazer adherente pelos novos processos, e de lhe applicar uma camada de metal precipitado. Por este meio, diz o inventor, o estanho é protegido contra toda a avaria, e o seu poder reflector é consideravelmente augmentado.

Para effectuar esta operação, M. Fletcher toma de um espelho, e o cobre, do lado do estanho, com uma leve camada de verniz, composta de 60 grammas de resina laca, um terço de meio quartilho de alcool o mais puro possivel, e 15 grammas de pós pretos dos melhores. Antes que a camada de verniz se tenha seccado, peneira-se, em peneira finissima, por cima do verniz peroxido preto de manganesio, ou outro qualquer oxido metalico, reduzido a pó impalpavel: tambem se póde sobrepôr ao verniz uma folha delgadissima de qualquer metal, de modo que toda a superficie do verniz fique bem coberta: é n'este estado que se submette o espelho aos processos da electro-metalurgia.

PARTE LITTERARIA.

A Litteratura.

II

(Continuado do n.º 19.)

367 A *Litteratura*, tal como a encarei no 1.º artigo, póde, até certo ponto, ser confundida com a *Erudição*. Eu considero esta ultima como um arsenal, onde o litterato vae buscar os meios de interpretar os auctores antigos, de descobrir a significação dos monumentos, de fixar as epochas, de caracterisar os usos e costumes dos povos que já desappareceram, de deslindar finalmente os acontecimentos, que remotas eras nos legaram confusos. Dest'arte a

Erudição conserva uma estreita alliança com a Litteratura; é sua companheira, é sua auxiliar, embora tenha cada uma distinctos sacerdotes, diversos templos. Póde todavia conjecturar-se que, a não haver uma interrupção fatal nos progressos do espirito humano, realisar-se-ha a esperança de um escriptor estimavel, de que *todos os litteratos venham a ser eruditos, e todos os eruditos sejam litteratos.*

A *Critica*, porém, é uma parte integrante da Litteratura. De que serviria tomar de memoria as producções litterarias dos differentes tempos, se não nos fosse dado estremar as grandes bellezas — dos grandes defeitos? O mesmo auctor, e por vezes a mesma pagina, nos apresentam o sublime ao lado do trivial, o verdadeiro ao lado do falso, o natural ao lado da affectação; e deveria acaso confundir-se a regra com a aberração? deveria por ventura medir-se pela mesma bitola a rasão, o bello moral, o gosto, e os seus contrarios? «*Voici merveille*, dizia Montaigne, *nous avons plus de poetes que de juges et interprètes de poesie; il est plus aisé de la faire que de la cognoistre.*» Exagerado foi um tanto o amigo de La Boétie, mas ficará sempre em pé o alto apreço em que tinha a Critica, essa filha da Rasão, que em sendo guiada pelo facho de sua mãe, e desassombrada de mesquinhas ou odiosas influencias, presta relevantes serviços ao aperfeiçoamento do espirito humano. «*Je ne sais en effét si dans les lettres*, diz M. Villemain, *après l'honneur de produire des beautés originales, il est un titre plus noble que de les admirer avec éloquence, d'en expliquer les merveilles, d'en augmenter le sentiment, d'en perpétuer l'imitation.*»

Se pois é incontestavel o que fica dito a respeito da Critica, não menos devem considerar-se como partes integrantes da Litteratura — a *Grammatica Philosophica*, que presuppõe o conhecimento da ideologia — a *Linguistica* — a *Poesia*, na maior latitude dos seus accessorios e diversidade de fórmas — a *Oratoria*, com todos os generos da eloquencia religiosa, politica, e civil — a *Historia*, com os seus indispensaveis auxiliares, a geographia e a chronologia — a *Moral* religiosa e philosophica.

Mas como são professados entre nós estes importantissimos ramos da Litteratura? Ensina-se, estuda-se, aprende-se elementarmente, quanto baste para satisfazer as exigencias naturaes da sciencia, quanto pede e necessita a cultura do espirito e do coração?

E não se diga que fôra longo, difficil, e talvez improprio ensinar tão vastas disciplinas, e, sobretudo, eleva-las no seu complexo á cathegoria de Faculdade... O argumento provaria de mais, por isso que o mesmo poderia dizer-se da siencia do Direito, das Mathematicas, da Medicina, etc., etc... e comtudo os multiplices ramos d'essas vastas sciencias são extensa e fundamentalmente professados, como partes constitutivas de Faculdades, tão distinctas entre si, quanto recommendaveis todas.

— «Mas a Faculdade de Direito encerra a sciencia que resolve as transcendentes questões da organisação social, e pretege a propriedade, a segurança e a riqueza dos povos.»

— A Medicina encaminha-se a debellar as doenças, a defender a vida, a restabelecer a saude do homem.»

— «As Mathematicas habilitam com sublimes calculos a medir os espaços, a arrebatar á natureza mysteriosos segredos, a atravessar a immensidade do oceano...»

— «E quem não vê que todas essas Faculdades estão, com justificado titulo, n'uma cathegoria elevada, e devem, no interesse da humanidade, ser professadas na mais larga esphera, e amplissimo desenvolvimento?» —

Convenho... Mas quem poderá dizer que a Litteratura é menos vasta, menos philosophica, menos util á Humanidade, do que essas Faculdades?

Já demonstrei no 1.º artigo a excellencia e utilidade da Litteratura; reforçarei porém agora o que alli disse, apresentando ponderações de outro genero.

Um homem, que a morte roubou, ha pouco, ao amor e ao respeito do mundo, o immortal Chateaubriand, disse algures: «*Les lettres sont l'éspérance pour entrer dans la vie, le repos pour en sortir.*»

La Littérature est l'expression de la Société: assim exprimiu M. de Bonald um pensamento, que tem merecido a approvação geral, a ponto de que um dos melhores escriptores d'este seculo, Charles Nodier, não hesitou em escrever que esta sentença será sempre repetida em quanto houver uma sociedade e uma Litteratura, porque jámais uma verdade essencial foi revestida de uma formula tão diáfana.

Não anda na bocca de todos o aphorismo de Pope: «*The proper study of mankind, is man*»?

Eu abro um livro estimavel, *De la Littérature au midi de l'Europe*, e logo na primeira pagina, em que Sismondi explica o intento a que se propuzera na sua obra, leio estas palavras: «..... quiz, sobre-«tudo, mostrar a influencia reciproca que tem a his-«toria politica e religiosa dos povos sobre a sua *lit-«teratura*, e a d'esta sobre o seu *caracter*; fazer sen-«tir a ligação que teem as leis do *justo* e do *honesto* «com as do *bello*; a alliança, finalmente, que a *vir-«tude* e a *moral* formam com a *sensibilidade* e a *ima-«ginação*: como se pretendesse, d'alguma sorte, es-«crever a historia do espirito humano em todos os «povos independentes, e mostra-lo sujeito em toda a «parte a phases regulares e correspondentes.»

E com effeito, quem não vê que as bellas lettras, do mesmo modo que as outras sciencias, em sendo estudadas e comprehendidas devidamente, se tornam, para me servir de uma expressão já consagrada, os instrumentos universaes da rasão, da virtude e da felicidade?

Quem não vê que os acontecimentos, a gloria, as illusões, as crenças dos seculos são o commentario vivo das obras primas litterarias, do mesmo modo que estas os explicam, os illustram e os perpetuam? — Na edade media apparece na Italia uma lucta encarniçada entre os *Guelphos* e os *Gibelinos*, e lá surge um poeta immortal, o *Dante*, offerecendo á posteridade um *commentario vivo* d'esse acontecimento ponderoso, a *Divina Comedia*. — Depois d'elle, n'essa mesma Italia, ergue-se o *Tasso*, e, com a sua lyra encantada, resuscita a gloria dos *Cruzados*, que tinham ido libertar o sepulchro de Christo. — Entre esses dois genios fulgurou outro, n'esta nossa terra de Portugal... O que elle cantou todos nós o sabemos... mas deixemos alegrar por um pouco o nosso

patriotismo, escutando as eloquentes vozes do immortal Chateaubriand: «*Vasco da Gama*, achevant «une navigation d'éternelle mémoire, aborda en 1498 «à Calecut, sur la côte de Malabar. — Tout change «alors sur le globe; le monde des anciens est dé«truit. La mer des Indes n'est plus une mer inté«rieure, un bassin entouré par les côtes de l'Asie et «de l'Afrique; c'est un océan qui d'un côté se joint «à l'Atlantique, de l'autre aux mers de la Chine et «à une mer de l'Est, plus vaste encore. Cent royau«mes civilisés, arabes, ou indiens, mahométans ou «idolâtres, des îles embaumées d'aromates précieux, «sont révélées aux peuples de l'Occident. Une natu«re toute nouvelle apparait; le rideau qui depuis «des milliers de siècles cachait une partie du mon«de, se lève: on découvre la patrie do soleil, le lieu «d'où il sort chaque matin pour disperser la lumiè«re; on voit à nu ce sage et brillant Orient dont «l'histoire se mêlait, pour nous, aux voyages de «Pythagore, aux conquêtes d'Alexandre, au souve«nir des Croisades, et dont les parfums nous arri«vaient à travers les champs de l'Arabie et les mers «de la Grèce. — *L'Europe lui envoya un poete* (Ca«moens) *pour le saluer, le chanter et le peindre; no«ble ambassadeur de qui le génie et la fortune sem«blaient avoir une sympathie secrète avec les régions et «les destinées des peuples de l'Inde! Le poete du Tage «fit entendre sa triste et belle voix sur les rivages du «Gange; il leur emprunta leur éclat, leur renommée et «leurs malheurs: il ne leur laissa que leurs richesses.* — «Et c'est un petit peuple, enfermé dans un cercle de «montagnes à l'extrémité occidentale de l'Europe, «qui se fraya le chemin à la partie la plus pompeu«se de la demeure de l'homme.» (Préface du Voyage en Amérique).

Passo agora a encarar debaixo de outro ponto de vista o meu assumpto, e tractarei de ser breve.

Entre os bons livros francezes dos tempos modernos, tenho eu na conta de excellente o que ha por titulo = «Une leçon par jour, nouvelles leçons de Littérature historiques, morales et religieuses.» = Folheando esse bello livro, encontro n'elle uma demonstração pratica da vasta extensão da Litteratura, não menos que da sua importancia e intrinseco merecimento. N'essa galeria magnifica de formosos trechos litterarios vejo como a Litteratura se espraia pelos dilatados campos da allegoria — dos caracteres litterarios, historicos, moraes — da critica — das descripções e quadros da natureza e dos povos — dos dialogos — do genero oratorio — do genero epistolar — da moral religiosa e philosophica — da historia — do drama — do panegirico, dos elogios, dos parallelos, dos retratos — etc., etc. — Aqui, verto lagrimas sobre os pezares de um desterrado; além, extasio-me ao ver encarecido o transcendente genio de Montesquieu; admiro depois a audacia e mascula eloquencia de Mirabeau, a ambição fogosa e insaciavel de Cesar e de Napoleão, ao lado da bonhomia de Lafayette; passo dos individuos aos caracteres, e apraz-me ver desenhado, por mão habil, o usurario, o marinheiro, o viajante; subo á região das neves eternas, visito de passagem a morada dos Religiosos de S. Bernardo, e corro pressuroso a enlevar-me na contemplação da cupula de S. Pedro de Roma; presenceio uma lucta á borda d'um precipicio, e voltando algumas paginas, estou no meio das magnificencias de Versalhes... Mas para que é continuar! Não foi para fazer notar a variada instrucção que este livro procura, que eu o citei. O que elle me ajuda a provar já eu o disse, mas não é só isso. Depois de transcripto um trecho notavel de qualquer genero, segue-se-lhe o exame critico, o mais completo e instructivo que ser póde. M. A. Boniface, seguindo os mais seguros preceitos, começa por assignalar o genero de estylo, se sublime, nobre, poetico, — se biblico, pittoresco, romantico, — se simples, temperado, familiar; encontra na erudição os meios de definir o que no texto carece de explicação; e a final passam as expressões e as idéas pela fieira da mais severa critica, sendo tudo afferido pelo padrão da grammatica philosophica, e da esthetica.

E teremos nós por ventura um livro como este, e como tantos outros, verdadeiros cursos da Litteratura, em que abundam os francezes? Não; e atrevera-me a dizer que encontrará grandissimas difficuldades quem quizer de prompto apresentar um trabalho perfeito, e de todo o ponto satisfatorio. E como não será assim, se a Litteratura não tem merecido até agora entre nós a consideração que lhe é devida, e nunca foi tractada, e muito menos professada, na extensão e desinvolvimento que lhe cabem?

Desejo ardentemente que ninguem pense que eu pretendo desabonar a tantos e tão distinctos litteratos que existem em Portugal. Aprecio devidamente o seu talento e escriptos, e folgára de lançar aqui a brilhante lista de seus illustres nomes, acompanhada dos louvores que merecem... Mas a falta procede de causas, que não é possivel vencer immediatamente, e que só com um novo systema de ensino, esforço e perseverança dos corpos scientificos, e dos homens instruidos, poderão remover-se.

Temos acaso um Diccionario da Lingua Portugueza, que, por sua authenticidade, dissipe todas as duvidas, esclareça todas as questões, fixe e determine o que n'este particular deve ser fixo e determinado?

Está por ventura determinada incontestavelmente, e como doutrina corrente, a origem da nossa lingua?

A nossa orthographia está acaso assente em preceitos regulares e uniformes?

Os nossos escriptores das differentes epochas estão acaso vulgarisados entre os portuguezes, ou aguardâmos ainda uma associação de homens poderosos, e ao mesmo tempo presadores das nossas coisas, que promova a impressão economica dos livros e manuscriptos, que só nas grandes bibliothecas se encontram, ou em poder de algum feliz bibliophilo?

Tem por ventura a nossa Litteratura sido examinada profunda e extensamente, com referencia aos differentes periodos da nossa historia, e ás vicissitudes da nossa existencia politica?

Tem a nossa Litteratura sido confrontada, systematica e philosophicamente, com a Litteratura classica da Grecia e Roma antigas, e com a dos povos modernos do meio dia e do norte da Europa?

Possuimos acaso uma historia litteraria do nosso Paiz, que satisfaça a todas as exigencias da erudição, da philosophia, e da critica?

Temos algum trabalho perfeito sobre a Littera-

tura, que propriamente póde denominar-se «Biblica»?

A eloquencia do pulpito, a do foro, a da tribuna, nas quaes temos, graças a Deus, excellentes modelos, e podemos citar com ufania bastantes nomes illustres, tem acaso sido sujeita ao exame d'uma critica apurada?

Era facil dar uma resposta cathegorica a estas e a outras perguntas, que ainda podéra acrescentar; basta porém dizer por agora — que alguns subsidios que n'este genero possuimos, sobre serem deficientes, andam de tal modo derramados, que não podem formar um corpo de doutrina tal qual nos é preciso.

. . . . . .

É força terminar este artigo — que já vae longo. N'este e no primeiro disse quanto se me affigurou necessario para despertar a attenção dos sabedores sobre as questões que ousei sujeitar á sua consideração. Resta agora fazer o inventario dos subsidios litterarios que possuimos, com referencia aos quesitos que acima deixo exarados, e lançar depois uma vista rapida sobre o ensino da Litteratura na Allemanha e na França. D'isso me occuparei successivamente, ainda que com maior demora do que desejára, porque não me sobeja tempo para a aturada applicação, que taes assumptos demandam.

José Silvestre Ribeiro.

Sonhei-a!

368 Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração.
Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada
Sósinha na solidão.

Sonhei-a d'olhos pisados,
Porque os prantos magoados
Lh'os tinham pisado assim:
Era triste, mas serena,
Como a gentil açucena
Rainha do seu jardim.

Sonhei-a triste: — a tristeza
Tem nos olhos da belleza
Encantos qu'eu não direi.
Sonhei-a linda — trigueira,
Como se pinta a ceifeira,
Como eu pinta-la não sei.

Sonhei-a no fim do dia,
Quando tudo é melodia,
Quando tudo falla em Deus.
Vi-a sósinha, pensando,
Talvez com prantos regando
Alguns pobres versos meus.

Sonhei-a, como em pequeno,
N'aquelle sonhar ameno
Sonhava tudo o que é bom.
Cuidei ve-la que me olhava,
Tão triste que não fallava,
Nem da voz lh'ouvia um som.

Sonhei-a, vindo da guerra,
A fallar da minha terra,
Como falla o trovador:
Mas então já se sorria,
Já de mansinho dizia
Algumas fallas de amor.

Dizia-as como quem sente,
Não altas, mas como a gente
As diz em coisas assim:
Dizia-as como as diria
Beatriz, quando as sentia,
Fallando de Bernardim.

Dizia-as sempre córando,
Repetia-as soluçando,
D'olhos pregados no chão;
Dizia-as como eu jurára,
Que ninguem ainda amára
No mundo com tal paixão.

E depois, envergonhada,
De não ser mais recatada,
Córava ainda outra vez!
Córava . . . córava ainda . . .
Cada vez era mais linda,
Mais linda . . . que Deus a fez!

Qu'ria fallar, não podia,
Que a vergonha lh'impedia
De poder usar da voz:
Era então que se lembrava
De que o mundo a censurava
De nos vêr fallar a sós.

Sonhei-a depois rezando,
Talvez em segredo orando
Pela terra em que nasceu:
Rezava, que quem a visse
Póde ser que a confundisse
Com algum anjo do céu.

Tinha as tranças desprendidas,
Levemente sacudidas
Por ligeira viração.
Dos labios lhe balouçava
Uma oração, que rezava
Do fundo do coração.

Vista assim, em tal postura,
Crescia-lhe a formosura,
Se ella podesse crescer.
Não podia . . , nem n'um canto
Se póde tamanho encanto
Com verdade descrever.

Sonhei, em sonho fagueiro,
Que era um amor verdadeiro
Aquelle tão casto amor:
Costumado á desventura,
Só em sonhos a ventura
Visitou o trovador! . . .

Fallei-lhe tão meigas fallas,
Que nunca as damas das salas
M'as podem ouvir assim:
Ella era linda — innocente,
Fallei-lhe como quem sente,
Fallei-lhe pouco de mim.

Beijei-lhe a mão com respeito,
Arfava-lhe o lindo peito,
Batia-lhe o coração.
Jurei-lhe... não digo a jura;
Tenho medo que a ventura
Me não deixe a descripção!

Sonhei-a então pensativa,
Como fica a sensitiva,
Se lhe vão no pé tocar:
Era tão linda a donzella,
Que eu ficaria ao pé d'ella
A minha vida... a sonhar!

Era triste, como eu gosto;
Era linda, como aposto
Que não ha outra egual;
Sendo tantas como as rosas
As filhas bellas, mimosas,
Das terras de Portugal.

Sonhei-a: se foi mentira,
Cantei-a de mais na lyra,
Morri por ella de mais.
Se o sonho foi verdadeiro,
Nem o canto é lisonjeiro,
Nem as trovas desleaes.

Sonhei-a! tenho na mente
O seu retrato innocente
A fallar-me ao coração!
Sonhei-a como uma fada,
Que tem vivido encantada,
Sósinha — na solidão!

L. A. Palmeirim.

Da existencia de Deus.

(Fragmento.)

369 A vida é o laço que prende a terra ao céu.

O gemer da desgraça é interrompido de espaço a espaço pelas divinas harmonias, que resoam na mansão dos justos.

O riso segue-se ao pranto, e o pranto é muitas vezes precursor do prazer.

Mal damos um passo no caminho da vida, tropeçâmos com o tumulo. — E entre as trévas da sepultura brilha um raio da luz eterna.

A terra orna-se com sumptuosos edificios, e com as maiores grandezas para alegrar a vida do homem, e perpetuar a sua memoria. — E esta vida, e esta memoria são breves momentos no correr dos seculos.

Em quanto estamos no mundo, os caminhos da vida se nos apresentam bordados de rosaes floridos, ou guarnecidos de altivos cyprestes.

O homem, ao contemplar o Universo, reconhece que uma idéa sublime se lhe apodera dos sentidos.

Essa idéa não é filha da sensação, nem o póde ser. — É o effeito de uma causa occulta, mas necessaria, indispensavel e eterna.

Similhante facto é uma vigorosa demonstração da existencia de Deus.

Existe em nós um effeito do Seu poder, uma sombra da Sua omnipotencia.

Este effeito, que a mesquinha linguagem da terra denomina alma, é a luz que nos alumia o entendimento, é o sol do mundo intellectual.

O Universo deixará de estar abysmado nas trévas, quando esses reflexos divinos o esclarecerem.

Amor perfeito.

370 Alimenta-se no peito,
Vive só no coração,
Um querer mago e perfeito,
Que em deleitosa paixão
Enleva da alma os sentidos,
Ao mundo sem dar ouvidos.

Apenas um fim deseja,
É tenaz, nada mais vê,
— Nem é possivel que veja —
Que essa visão, em que crê:
Vida, de que se alimenta,
Esperança, que o sustenta.

É visão; mas visão crida
Da fé com todo o vigor;
Affeição doce e querida,
Que os homens chamam amor.
Todos querem defini-la,
E sabem poucos senti-la.

Amo, é facil de dizer-se,
Mas difficil de provar:
Quem ama deve esquecer-se
De tudo só para amar.
Á pessoa a quem amamos
Todo o viver sujeitamos.

Se alegre a vemos sorrindo,
Devemos tambem sorrir;
Se negros males carpindo,
Devemos tambem carpir;
Se um vago pesar recêa,
Nosso peito o susto ancêa.

Pensamos como ella pensa,
Pense bem ou pense mal;
É nossa illusão immensa,
Embora ás vezes fatal...
Mas é assim o amor perfeito,
Em tudo vive sujeito.

Sua imagem adorada
Prende-nos todo o pensar;
Nossa vista preoccupada
Não póde ter outro olhar.

Despertos, queremos vê-la,
Dormindo sonhar com ella.

O amor bem entendido
Assim se deve sentir;
Ha-o tambem envilecido...
D'esse deve-se fugir;
É um gozo vão, passageiro,
Vem correndo, vae ligeiro.

Prende os olhos e a cabeça,
Sem tocar no coração;
Mas, satisfeito, começa
A aborrecer a prisão.
Chamam-lhe amor por engano,
E quem lh'o chama é profano.

Aqui tens o sentir do meu peito,
Aqui tens o que o peito me diz:
A amor puro vivendo sujeito,
Vives ledo, contente e feliz

Porto — Dezembro de 1848.

J. M. de Souza Lobo.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

28 de março a 9 d'abril.

Diario n.º 74.

371 Para conhecimento do Commercio se publica a traducção de um aviso do Ministerio da Marinha de Sua Magestade El-Rei de Dinamarca, transmittida ao Governo de Sua Magestade pelo Consul encarregado da Legação do mesmo Soberano n'esta côrte.

«O Ministerio da Marinha faz saber officialmente «que todos os portos dos ducados de Schleswig e «Holstein serão considerados como bloqueados des«de o dia 27 do corrente mez, exceptuando as Ilhas «Als e Aeró, e outras cidades que estão sob a Auc«toridade Real.

«O bloqueio acabará para cada cidade á medida «que as mesmas se submetterem ao Governo legiti«mo do que se fará competente aviso.

—

Dito n.º 80.

Decreto approvando os Estatutos da Companhia de seguros maritimos, terrestres, e de vidas, Fidelidade. Seguem os Estatutos.

—

Dito n.º 82.

Estado do Banco de Portugal em 31 de Março de 1849:

Notas do Banco de Portugal em circulação	305:690$000
Depositos — moeda metalica . . .	278:459$541
Numerario metalico em caixa. . .	649:119$583
Prata além do dito numerario. . .	9:475$200

Conta da receita e despeza dos cofres de Lisboa, no mez de Fevereiro ultimo. Foi a receita de réis 318:204$339.

Auto de amortisação das notas do Banco de Lisboa da Junta do Credito Publico. A amortisação foi de 80:750$400 rs.

Conta da existencia e amortisação das notas do Banco de Lisboa em relação ao capital de cinco mil contos de rs.

Notas amortisadas até ao dia 3 de Abril de 1849	1.278:918$200
Ditas no dia 3 de Março.	80:750$400
Existentes em circulação.	3.640:330$400

Communhão dos presos.

372 Uma vez no anno o lucto de tristeza, que reside nas cadêas, se tansforma em gala festiva.

É quando a Misericordia de Deus, por meio do augusto mysterio da Eucharistia, recorda o arrependimento a tantos criminosos.

Já o anno passado * descrevemos esta solemnidade, por tantos motivos digna de particular attenção.

Tivemos a honra de a presenciar tambem este anno, e folgámos, vendo que a presença de pessoas pertencentes ao fôro cresceu para muito mais; poucos delegados faltaram.

Compareceram os Srs. Ministro da Justiça, Presidente da Relação e Governador Civil.

Dos Juizes Criminaes não appareceu um só!

Commungaram seiscentos presos, isto é, mais duzentos do que o anno passado, e trinta presas, ou mais vinte do que na antecedente communhão.

Perto de uma manhã passada em tal logar, e por causa de uma solemnidade tão respeitavel, suscita reflexões, que não cabem em uma simples noticia.

Entre tantas só uma aqui deixaremos, e é — que muita vantagem se podia tirar da Religião, em as nossas cadêas, se ella ahi não entrasse esta só vez no anno.

Findaremos com o elogio que merece o Sr. Guimarães, actual Procurador Regio, pelo modo honroso com que desempenhou o seu difficil e trabalhoso encargo.

Os melhoramentos da cadêa, que dependem d'este funceionario, todos se teem feito: quanto aos outros, que são os maiores, não sabemos quando se farão.

Agradecimento para com Deus.

(Carta.)

373 Sr. Redactor. — Desejava ter a sufficiente instrucção e eloquencia para poder descrever uma edificante scena, que peço licença para deixar regis-

* N.º 20 do 7.º volume.

tada nas columnas da Revista, com todas as côres que a podessem fazer sentir dos pios leitores como ella se passou!! Mas, já que o meu acanhado engenho m'o não permitte, procurarei satisfazer este meu desejo com a limitada simplicidade de que posso dispor.

Corria o dia 18 d'este, e algumas nuvens, que, a pouco e pouco, se foram agglomerando, tornaram a atmosphera carregada, e trouxeram-nos uma esperança de chuva proxima. Todas as vistas, anciosamente empregadas nos astros, não perdiam o minimo movimento das nuvens, como a arca onde se escondia o precioso thesoiro por que tanto anhelavamos; e d'estes diversos movimentos se faziam varias conjecturas, assim umas vezes pareciam achar escripto no firmamento o favoravel despacho, que Deus se havia dignado dar a nossos humildes requerimentos; outras vezes, porém, quando as nuvens mais se rarefaziam, pareciam ler alli a nossa condemnação, e que Deus, querendo mostrar-nos o thesoiro de suas misericordias, que são a recompensa do arrependimento e da virtude, nos queria fazer sentir que nós, peccadores obstinados, não tinhamos chamado sobre nossas cabeças senão a espada de sua Divina Justiça: e então essas vistas, ha pouco tão esperançosas, se abaixavam, como envergonhadas da sua miseria, e uma lagrima de dôr e vergonha corria espontaneamente, acompanhada d'uma sentida imprecação de — Deus nos acuda!! Deus tenha compaixão de nós!! — N'esta alternativa se passava este dia, quando, já pelo fim da tarde, começou a cahir alguma chuva: foi então, Sr. Redactor, que, na alegria que se divisava em todos os rostos, se comprehendia a devoção com que se rendiam ao Todo Poderoso graças por tão ineffavel beneficio!! O concorrer o povo á Egreja das Chagas (onde se venera a milagrosa Imagem de Nossa Senhora dos Remedios) e improvisar-se uma procissão de terço, foi obra de um momento; e ei-la que sahe da Egreja, dirigida pelo Reverendo Coadjutor, e assim corre o povo todo as ruas da Villa, não obstante a chuva, que então cahia, entoando os canticos do Senhor com uma ordem e placidez tal, que parecia que todos desejavam receber sobre si esta agua abençoada, este verdadeiro maná!! Que penetrantes eram as vozes d'este povo devoto, quando repetiam — Ó Senhor Deus, mandae-nos agua de misericordia!! — que o Reverendo Sacerdote entoava no fim de cada mysterio.

Em quanto isto assim se passava nas ruas, havia casas, em que as senhoras, que não podiam acompanhar este acto de espontaneidade religiosa, como grande parte das mulheres do povo o faziam, passavam este tempo prostradas diante de seus oratorios, dirigindo as mesmas supplicas, os mesmos louvores ao Deus das Misericordias!!

Sr. Redactor, quem, ha pouco, registava, no seu Jornal, a frieza que se notava nas preces que se havia feito, (o que muito nos havia penalisado) não devia deixar em silencio esta tão espontanea e sincera prova de acrisolada e religiosa devoção, com todos os caracteres de viva fé, que este mesmo povo acaba de dar, e que muito enche o nosso humilde coração de alegria: praza aos céus que esta fé, que tão radiosa appareceu, não esfrie, e seja o principio fecundante que, moralisando-nos, faça brotar a virtude, o santo temor de Deus e o amor do proximo.

Castro Verde, 20 de Março de 1849.

J.

Contrabando pela raia de Hespanha.

(Carta.)

374 Sr. Redactor. — O louvavel disvelo, com que o seu patriotico Jornal pugna pelos interesses economicos do nosso desventurado paiz, e o convite reiterado, dirigido aos seus leitores, instigando-os a communicarem tudo quanto possa aproveitar á sua missão honrosa; anima-nos a traçar ligeiramonte algumas linhas, para conhecimento do publico, sobre um accidente deploravel, que prejudica gravemente a nossa agricultura, e, sobretudo, a industria, já um pouco progressiva dos portuguezes.

Esperámos, mas em vão, que alguem tomasse esta iniciativa, poupando-nos o trabalho, e até a pouca vontade de similhante revelação, porque não vae o abuso de encontro aos nossos interesses: um intuito mais nobre move a nossa humilde penna. É o desejo intimo de ver prosperar as nossas coisas, e vermos sahi-las do definhamento em que, por culpa de alguem, hão jazido desde longos annos.

E bem quizeramos que V. com suas.... reflexões, precedesse este nosso esforço, sollicitando as mais adequadas e efficazes providencias do Governo de S. Magestade contra a escandalosa introducção do contrabando, exercido, em grande parte, pelos nossos visinhos hespanhoes.

A nossa alliada Inglaterra, como todos nós desgraçadamente sabemos, tem sido, desde longiva epocha, o machado destruidor da nossa agricultura, da nossa industria, do nosso commercio, e de tudo quanto póde contribuir para o incremento d'esta nação briosa, promovendo e fulminando assidua o seu constante entorpecimento em todos os ramos, não se esquecendo mesmo do da intellectualidade!... Ao presente parece um pouco modificada nos seus reprehensiveis monopolios... ou porque já está rica, ou porque encontra obstaculos, que não póde sobrepujar tão facilmente como outr'ora: — mudam os tempos e os costumes.

Mas os nossos visinhos hespanhoes estão preenchendo este vacuo com admiravel assiduidade, e quasi sem correrem risco nenhum; tudo isto por nossa culpa, visto que a fiscalisação do contrabando, que as leis cohibem, é illusoria pela connivencia de alguem — nem d'outra maneira se póde explicar tamanho excesso no contrabando de todos os generos, que entram de dia e de noite! Assim no-lo referem pessoas de todo o credito, além da prova, que é concludente. Sempre ouvímos dizer, que quem tem padrinho não morre moiro...

Cereaes de toda a especie, azeite, pannos, tecidos de seda e de algodão, e outras diversas mercadorias abastecem superabundantemente esta provincia, não só pelo rio Doiro, como pela raia sêcca: nas outras provincias, mórmente na do Minho, succede o mesmo, ou mais ainda, segundo temos ouvido.

Por aqui vae-se tudo vestindo (excepto nós, que nunca o faremos) de pannos hespanhoes, attrahidos pelo seu modico preço. Ha pannos estampados de boa qualidade e excellente gosto, que simulam as nossas já tão primorosas borlinas da Covilhã, custando cada um covado de 550 a 600 rs.; quando das borlinas, de que todos faziam calças, se não tira um covado menos de 900 rs., sendo boa; e na verdade, que não é preço excessivo, e mais baratos que os pannos em questão, porque duplicam em duração. Mas o povo engana-se com estas apparencias, preferindo o que é mais barato. . . .

Com o que levâmos dito, não queremos concluir que já não carecemos de importar pannos estrangeiros, e de outros artefactos, por ora: — póde ser que possamos vestir-nos decentemente com os nossos; porque possuimos algumas fabricas d'este genero, cujo valor real e estimativo não deixa de dar gloria ao genio emprehendedor dos portuguezes.

É, comtudo, para lamentar que os nossos pannos de lã, se exceptuarmos as borlinas e saragoças, sejam ainda por aqui tão pouco conhecidos, a não ser um ou outro inferior. Alegra-se-nos o coração todas as vezes que se nos proporciona ensejo de contemplarmos com admiração a escala progressiva, em que vão muitos productos nossos: alguns se vêem já, que não invejam os dos estrangeiros, a não ser por essa intoleravel, quanto ridicula, monomania de quem os prefere, confundindo-os muitas vezes com os nacionaes!...

Do que os nossos artistas carecem especialmente é de instrucção, e boas leis, que animem as nossas fabricas e emprezas: n'esta parte muito resta ainda a fazer, porque quasi nada ainda está feito. Todavia, o maior mal, que mui cedo ha de produzir o seu anniquilamento, é a introducção espantosa, como já referimos, dos chamados pannos hespanhoes, se do Governo não emanarem disposições que cohibam ou modifiquem o seu contrabando.

Como ha de prosperar, d'est'arte, a nossa industria?

Que perdas e quebras incalculaveis haverão a lamentar, provenientes d'este contrabando?!...

Ainda bem, que vemos esta nossa asserção corroborada, em parte, pela interpelação do nosso illustre compatricio o Sr. Deputado Moraes Pessanha, feita a S. Ex.ª o Sr. Ministro da Fazenda, na Sessão do dia 6 de Fevereiro, ácerca da introducção do contrabando de cereaes de Hespanha pelo rio Doiro, e pela raia sêcca, em grande escala; emittindo conjunctamente as suas judiciosas observações sobre a gravidade do facto, e estado precario dos lavradores de Traz-os-Montes, que foram apoiados pelo Sr. Deputado Ferreira Pontes.

A introducção dos pannos hespanhoes é de mais grave transcendencia, e muito sentimos que SS. SS. não alludissem a ella.

Oxalá que as boas intenções do Sr. Ministro da Fazenda, de que parece estar possuido, dêem em resultado as mais justas providencias, destruindo o germen vicioso de tão grande mal...

Mirandella, 13 de Fevereiro de 1849.

J. S. Rodrigues Cardoso.

Asylo da Mendicidade.

375 De quantos estabelecimentos de caridade se contam em a nossa terra, o Asylo da Mendicidade é um dos que mais milagrosamente vive. — Os pingues rendimentos, que em outras nações, e aqui mesmo em outras epochas, serviam de base á dotação de estabelecimentos d'esta natureza, estão hoje convertidos em esmolas das poucas almas caridosas, que ainda se encontram. Só á caridade publica e ao zêlo da illustre Commissão, a quem o Asylo tanto deve, se póde tributar louvor pelos dias de festa, que alegraram os pobres moradores de tão triste caza.

Foi o primeiro d'estes dias o 4 do corrente, em que se admittiram 30 pobres em memoria dos 30 annos de S. M. a Rainha, como é pratica antiga: mas no presente anno, vendo a Commissão que eram muitos os infelizes, que ás portas do Asylo foram implorar descanço e agasalho para os ultimos dias da vida, admittiu mais outros 30, todos dignos da maior compaixão.

Sabemos que os recursos não davam para tão ampla admissão, mas esperâmos que o publico não deixará de acudir com o seu auxilio para se completar esta obra evangelica, pois que se o saldo da conta é apoucado, são infinitos os thesoiros da caridade.

N'esse mesmo dia tiveram os pobres um excellente jantar de peixe, no qual fizeram tres brindes — um a S. M. a Rainha — outro a ElRei — e outro aos Bemfeitores.

Os pobres foram servidos pela Commissão do Asylo, e outras pessoas de distincção.

Findo o jantar, 72 pobres externos foram admittidos a jantar.

As pobres foram servidas, durante o jantar, por senhoras das mais distinctas da capital.

Devemos aqui deixar um facto, que honra a Guarda Municipal. É o seguinte. Seis soldados e um cabo que formavam a guarda, não só recusaram a gratificação que lhes foi offerecida, mas manifestaram o quanto sentiam não ter meios para auxiliarem a boa acção que tinham acabado de presenciar; e n'isto satisfizeram não só o seu proprio desejo, mas a vontade do seu illustre commandante.

No dia 5 houve tambem um bom jantar, para o qual concorreu um Vogal da mesma Commissão com 24 mil réis: além dos asylados jantaram mais 40 pobres.

Na Sexta-feira Santa a boa administração da despensa deu para um jantar mais que abundante.

No Domingo de Paschoa houve outro jantar dado por esmolas.

Sem prejudicar o geral louvor que merecem todos os Vogaes da Commissão do Asylo, não podemos deixar de mencionar o Sr. Luiz Dally pela muita actividade e devoção com que promove a sustentação e desinvolvimento de tão abençoada caza.

O Asylo tem n'estes dias sido visitado por muitas pessoas. Oxalá que essas visitas inspirem o desejo a todos de irem presenciar taes obras de charidade, não se esquecendo de as imitarem.

Morte repentina.

376 No Domingo de Ramos, quando estava celebrando a missa o Coadjutor da Freguezia de S. José, o P.e José Marques Pereira, ao ler a paixão cahiu de subito para traz fulminado com uma apoplexia.

Ha 28 annos que servia este logar.

Era estimado por todos os seus parochianos.

Obra collossal.

377 Uma companhia de caminhos de ferro dos Estados-Unidos da America começou, nos fins do anno ultimo, a construcção de uma ponte suspensa sobre o rio Niagara, logo abaixo da grande cataracta do rio. Esta ponte será a maior d'este genero que existirá, e que ha de servir para por ella passar o caminho de ferro, que ha de abrir communicação dos Estados-Unidos para as possessões inglezas do norte.

* *

Theatros.

378 Os *Orazi e Curiazi*, de Mercadante, agradaram, e foram bem cantados.

Os Mysterios de París teem sido muito applaudidos no theatro de D. Maria II: é grande a concorrencia de pessoas para anticipadamente obterem camarotes.

No Gymnasio representou-se uma linda comedia de Scribe, *Amor por Amor*: é digna de grande elogio.

COMMERCIO.

379

ALFANDEGA DO TERREIRO PUBLICO EM 31 DE MARÇO.

Generos	Moios	Preço por alqueire
Trigo	6:903	440 a 700
Milho	902	280 a 360
Cevada	1:742	240 a 300

Cereaes em 11 de Abril.

Trigo do reino rijo	de	360	a	480	réis	a bordo.
» » molle	de	400	a	560	»	»
» da ilha	de	380	a	430	»	»
Milho do reino	de	270	a	280	»	»
» da ilha	de	200	a	210	»	»
Cevada do reino	de	200	a	230	»	»
» da ilha	de	200			»	»
Centeio do reino	de	250	a	260	»	»

Praça de Lisboa, 11 de Abril. — Fundos publicos de 5 por 100 49 a 50 por 100, de 4 por 100 39 a 40. Acções do Banco de Portugal 465$000. Cautelas com juro de 3 por 100 35 a 36. Acções sobre o Fundo de Amortisação 38 a 39 por cento. Acções das Lezirias 345$000 a 350$000, das Pescarias 29$000 a 30$000. Cautelas da Companhia das Obras Publicas 3 por 100. Titulos azues 5 a 7 moeda metalica, 3 operações, 18 na mesma especie, e papel-moeda 11.

— Cambios effectuados na Praça de Lisboa em 7 de Abril de 1849.

Londres	30 d v.	54
	60 d v.	54 1/8
	90 d d.	54 1/4
París 100 d d		525
Hamburgo 3 m d.		43
Amsterdam »		49 1/4
Porto 8 d. v.		1/2 por 100.

BIBLIOGRAPHIA.

380 *Commentario á Lei dos Foraes de 22 de Junho de 1846*, pelo Juiz da Relação do Porto, Antonio Luiz de Seabra. — Vae publicar-se esta obra, que formará 3 volumes de oitavo francez. — O preço para os senhores assignantes será de 480 rs. o volume, pagos no momento da entrega, que se effectuará á medida que se forem imprimindo.

—

Opusculo Pathologico da Hyperemia maligna, acompanhado de cinco observações, e quatro estampas, pelo Sr. João Gregorio Rodrigues, Cirurgião formado pela Eschola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Vende-se na loja do Sr. Silva, Praça de D. Pedro n.os 82 e 83.

Expediente.

De qualquer ponto do reino, assigna-se por meio de carta, e em Lisboa no Escriptorio e na Rua Augusta n.o 8, e nas mais lojas em que se annunciar.

— Não sendo a Revista jornal politico, é-nos impossivel publicar o protesto que, em nome da mesa provisoria da Liga, nos foi remettido.

— A poesia do nosso amigo o Sr. Thomaz Lobo d'Avilla será publicada.

— O artigo sobre refinação de assucar, e os varios processos industriaes que o acompanham, serão publicados.

— Agradecemos a remessa do Relatorio da Sociedade dos Amigos das Artes e das Letras em S. Miguel.

Milho Infantil.

Tendo alguns dos Srs. Assignantes da Revista Universal mostrado desejos de ensaiarem a cultura do milho infantil, do Algarve, se mandou comprar uma pequena porção d'elle, que para chegar a maior numero de Assignantes se repartiu em oitavas de alqueire, e se acham á venda n'este escriptorio a 80 rs. cada uma.